

A LEITURA DA PAISAGEM EM CIDADES MÉDIAS BRASILEIRAS: CONFIGURAÇÃO E CONFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES NA FORMA URBANA

MEDIUM SIZED-CITIES LANDSCAPE ANALYSIS: OPEN SPACES CONFIGURATION AND CONFORMATION IN URBAN ENVIRONMENTS

Glauco de Paula Coccozza
Maria Eliza Alves Guerra

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados da análise dos espaços livres através do processo de leitura, interpretação e caracterização da sua paisagem urbana. O principal objetivo do artigo é apresentar como se configuram e se caracterizam os espaços livres em cidades médias brasileiras: Uberlândia, Uberaba, Araguari, Ituiutaba, Araxá e Patos de Minas (MG), e como esses conformam suas distintas paisagens urbanas. Foi utilizado, como procedimento metodológico, a identificação das unidades de paisagem, através da caracterização dos elementos morfológicos que compõe os espaços intraurbanos, elencadas por um conjunto de categorias de acordo com sua predominância espacial. Como resultado, percebeu-se as similaridades e as diferenças na estruturação dos espaços livres urbanos, assim como a gênese de configuração das distintas unidades de paisagens.

Palavras-chave: Espaços livres. Forma urbana. Unidades de paisagem. Cidades médias.

ABSTRACT

This work analyzes open spaces by reading, interpreting, and characterizing their cityscape. It presents how open spaces are configured and characterized in medium-sized Brazilian cities (Uberlândia, Uberaba, Araguari, Ituiutaba, Araxá, and Patos de Minas) and how they shape different urban landscapes. Landscape units were identified by characterizing the morphological elements that make up the different intra-urban spaces, listed by a set of categories according to their spatial predominance. The analysis pointed to similarities and differences in urban open spaces structuring, as well as the emergence of different landscape unit configurations.

Keywords: Open spaces. Urban form. Landscape units. Medium-sized city.



I. OS ESPAÇOS LIVRES, FORMA URBANA E A APREENSÃO DA PAISAGEM

A leitura da paisagem não é uma tarefa simples e muito menos restrita ao simples olhar. Requer rigor metodológico e analítico para, assim, transformar a apreensão de um observador em um conjunto de elementos capaz de não somente descrever, mas colocar em questionamento o momento e a condição de uma determinada localidade. Enquanto estrutura, a paisagem externa dimensões mentais, estéticas, sociais e técnicas sobre como devemos compreender o que nos cerca, transformando muitas vezes o invisível em visível, e o visível em códigos que representam nossas distintas realidades.

Paisagem é processo e conformação, resultado de ações que moldam e permitem a sua legibilidade (LEITE, 2004; MAGNOLI, 2006; SANTOS, 1988). Segundo Leite (2004), a paisagem é definida pela sua visualidade e, através da sua apreensão, ganha visibilidade para, então, demonstrar nossos modos de organização, significar comportamentos e possibilitar que o espaço seja visto por diferentes prismas.

A paisagem é um ambiente dinâmico e é tida com uma observação experimental e que proporciona o encontro entre “cidade e natureza” (BESSE, 2019; LEITE, 1992; SANTOS, 1988). Segundo Besse (2019), a “cidade se apropriou da paisagem para a sua configuração, transformando-a, moldando-a a uma nova estrutura urbana e social.” Ademais:

No processo de apropriação da natureza, construção da paisagem e qualificação do lugar, a atenção está deslocada para a ordem do fragmento, percebida através de situações básicas, monótonas e inalteráveis – em essência, a forma pela qual são perpetuados no lugar interesses de dominação – condenado todos a não perceber o movimento real da sociedade, que é o movimento do espaço. (LEITE, 1992, p. xx) Besse (2019) constrói seu pensamento entre paisagem e território ao definir que há um alto grau de objetividade na forma de analisar as impressões deixadas pelas sociedades, como resultado das características econômicas, políticas e/ou culturais. Para Besse (2019), “a paisagem é um espaço organizado e uma obra coletiva das sociedades, ordem e obra, dominação e apropriação, dimensões do conceito de território, funcional e simbólico”.

A paisagem pode ser compreendida através de três fatores principais: o urbano, compreendido aqui como o ambiente construído sobre determinados territórios; o ambiental, entendido pelos elementos naturais condicionantes de uma localidade; e o social, resultado dos processos culturais e econômicos de uma determinada sociedade. Esse tripé norteia este trabalho através de uma análise da forma física, dos espaços livres e do uso e predominância de uso dos espaços públicos das cidades analisadas.

A morfologia urbana tem uma rica história de escolas e métodos de investigação com o objetivo de analisar os elementos físicos e construídos de uma cidade, compreendendo, assim, sua materialidade, e como consequência apreendendo sua configuração. A forma nos revela a estrutura das nossas sociedades, e o reflexo da sua construção ao longo dos anos, imprimindo no tempo e no espaço suas marcas (ALVARENGA, 2016; CAPEL, 2002; KROPF, 2009; OLIVEIRA, 2016). Milton Santos (1988) reforça essa premissa, indicando que as transformações da sociedade ao longo da história estão impressas no espaço, nas cidades e na paisagem.

No Brasil, a morfologia urbana ganhou visibilidade e importância de forma significativa nos últimos anos. O grupo de estudos sobre os espaços livres QUAPÁ-SEL foi importante na consolidação de um método que compreendesse a forma urbana através da constituição dos espaços livres. Segundo Macedo (1995), os espaços livres estão subdivididos de acordo com os graus de acessibilidade (público/privado), funcionalidade (lazer/conservação/produção) e materialidade (árido/água/verde), e, dentro desta última, devemos ressaltar o uso como sinônimo de espaços livres o termo área verde, porém, essa é uma categoria de espaços livres, na qual há predominância de vegetação sobre outros elementos constitutivos daquele espaço, como parques, florestas, quintais, gramados e canteiros.

As cidades se organizam através da conjugação de diferentes elementos, construídos e não construídos, que dão a elas materialidade, forma e estrutura e definem diferentes paisagens urbanas (MACEDO, 1995). Somente na realidade brasileira é possível identificar variados padrões morfológicos que remetem às nossas distintas realidades econômicas, históricas, culturais e, principalmente, à diversidade de paisagens que suportam determinados espaços urbanos. O espaço livre tem um papel fundamental nessa estruturação. As distintas formas urbanas são definidas por um conjunto de espaços que definem sistemas com hierarquias, distribuição e configurações próprias. Esses sistemas variam de acordo com o porte da cidade,

de acordo com a localização, urbanização e, principalmente, pelo suporte físico em que se encontram.

O objetivo principal deste artigo é apresentar como se configuram as paisagens e os espaços livres em cidades médias do interior de Minas Gerais. Como objetivos específicos, buscou-se compreender os processos de formação das cidades nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o desenvolvimento da sua rede urbana, as transformações dos tecidos urbanos e as características espaciais para, assim, compreender como ocorreu a conformação desses sistemas e das suas paisagens.

2. UNIDADES DE PAISAGEM COMO PROCESSO METODOLÓGICO

O método utilizado para a leitura da paisagem na escala intraurbana foi a identificação das unidades de paisagem, na qual se delimitam recortes urbanos com características morfológicas comuns, criando um mosaico com diferentes características espaciais. O método de ler a paisagem através de unidades foi inicialmente aplicado no campo da geografia (SILVA, 2012) e difundido por ecologistas, porém, sem se aprofundar nas questões relativas à paisagem urbana. No campo da morfologia urbana, Michael R. G. Conzen, o principal nome da escola inglesa, inicia suas análises por meio da delimitação de áreas urbanas com características similares, denominadas por ele como unidades de homogeneidade morfológica. Outros pesquisadores trabalham com o conceito de região morfológica, que apresenta diferenças em relação ao método de leitura de unidades de paisagem, porém, com o mesmo objetivo de reconhecer as diferentes características do espaço urbano e delimitá-los através de territórios de fácil reconhecimento identitário (OLIVEIRA, 2016).

A área da arquitetura e urbanismo incorporou os conceitos conferindo a eles um novo olhar. Quando as unidades de paisagem são tratadas no campo da arquitetura e urbanismo ocorre, dependendo da escala de abordagem, as inclusões de aspectos que permitem a melhor compreensão dos espaços e da paisagem urbana. (SILVA, 2012) O conceito de unidades de paisagem utilizado neste trabalho incorpora os conhecimentos da arquitetura, urbanismo e paisagismo através da leitura dos aspectos morfológicos e tipológicos dos aspectos físico-ambientais e aspectos socioespaciais, remetendo a uma abordagem sistêmica para a compreensão da paisagem.

Como proposta metodológica, foram definidos os elementos morfológicos e representativos da configuração urbana, presentes no espaço urbano de cada cidade, e listados em uma ficha padrão (Figura 1).

Foi realizado um levantamento inicial por imagens de satélite, Google Street View, e posteriormente in loco. Foram analisadas todas as áreas urbanizadas das seis cidades, respeitando os perímetros urbanos legais. Assim, foram produzidas cartas temáticas das unidades de paisagem, o que possibilitou maior visibilidade dos fragmentos urbanos e sistematização das principais características da paisagem. Após o reconhecimento das unidades de paisagens, foram realizados levantamentos para a categorização e quantificação dos tipos de espaços livres predominantes em cada unidade, tanto públicos quanto privados. Os espaços livres permitem reconhecer padrões espaciais de cada localidade, características morfológicas, suas configurações, aspectos funcionais, diferentes modos de apropriação e como os espaços livres definem diferentes paisagens urbanas.

Dimensão de vias	Estreita (0-5M)
	Medianas (6-8M)
	Largas (acima de 9 M)
Dimensão de vias	Não
	Baixa
	Média
Gabarito	Alta
	Edifício 1 PAV
	Edifício 2 a 3 PAV
Área Consolidada	Edifício > 3 PAV
	Sim
	Não
Quadras	Regular
	Irregular
Lote	Regular
	Irregular

Traçado	Ortogonal Regular
	Ortogonal Irregular
	Orgânico
Declive	Pouco acentuado
	Acentuado
	Muito acentuado
Cursos D'água	Não
	Baixa
	Média
	Alta
Taxa de Ocupação	Baixa
	Média
	Alta
Usos	Residencial
	Comercial
	Serviços
	Industrial

Figura 1 – Elementos para a caracterização das Unidades de Paisagem, utilizada nas seis cidades estudadas.

3. IDENTIFICANDO FRAGMENTOS: O MOSAICO DE PAISAGENS

As seis cidades elencadas para este estudo foram Uberlândia, Uberaba, Araguari, Ituiutaba (Triângulo Mineiro), Araxá e Patos de Minas (Alto Paranaíba). As seis cidades são representantes e representativas dos diferentes modelos de cidade média brasileira e encaixam-se na definição utilizada nesta pesquisa: de cidades que propiciam a intermediação com as demais da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, ter população entre 100 e 600 mil habitantes e conter estruturas de serviços que as definam como polos de atração de população das cidades.

Uberlândia destaca-se nesse grupo por ser a maior cidade em população e área urbana e por apresentar diferentes tipos de serviços, como arma-

zenamento e logística, que a definem como um centro regional. As demais cidades apresentam características econômicas próprias e vocação para determinadas atividades. Uberaba é a principal cidade no ramo de biogenética animal; Patos de Minas é uma importante cidade de serviços; Araguari e Ituiutaba têm, na agricultura, sua principal vocação; e Araxá desenvolve-se devido à mineração e ao turismo em uma estância termal.

Ambas as cidades apresentam a mesma gênese urbana, fruto da ocupação do interior do Brasil, e forma de apropriação de um território pouco explorado urbanisticamente até o final do século XIX. Após o início como pequenos aldeamentos, as cidades se transformaram com a chegada da ferrovia, que as conectou às principais cidades brasileiras e, posteriormente, com a expansão da rede rodoviária para o interior do Brasil a partir da construção de Brasília. O crescimento agrícola do “Brasil Central” foi responsável diretamente pelo rápido crescimento dessas cidades a partir de 1970, configurando a principal característica regional de nova fronteira agropecuária brasileira. Atualmente, a região é um importante entreposto logístico entre a região Sul e Sudeste, e Centro-Oeste e Norte do Brasil.

Esses movimentos econômicos moldaram as distintas paisagens estudadas neste trabalho. Cada período representou um movimento morfológico que imprimiu diferentes modelos de ocupação e expansão da malha urbana, criando o mosaico de paisagens que se moldam à medida que as cidades crescem e se transformam, adicionando, substituindo e consolidando espaços pelas cidades.

As unidades foram identificadas seguindo a tabela da Figura 1, nas quais foram identificados os elementos de caracterização. O processo foi manual, de observação das características morfológicas e espaciais, feita através da imagem de satélite e in loco, e o resultado foi a identificação dos fragmentos espaciais que conformam cada paisagem. Após reconhecimento e análise, foram elaboradas cartas das unidades de paisagens para cada cidade. A Figura 2 apresenta um exemplo das cartas de unidade de paisagem, com a localização na mancha urbana e características morfológicas.

As paisagens refletem um momento, mas também um processo. Na Figura 3, pode-se perceber três espaços distintos na cidade de Uberlândia e um em Araguari, os quais apresentam elementos morfológicos semelhantes. Ambas partem da mesma gênese urbana em relação ao traçado, no caso radial em acordo com uma malha ortogonal, com destaque para as áreas

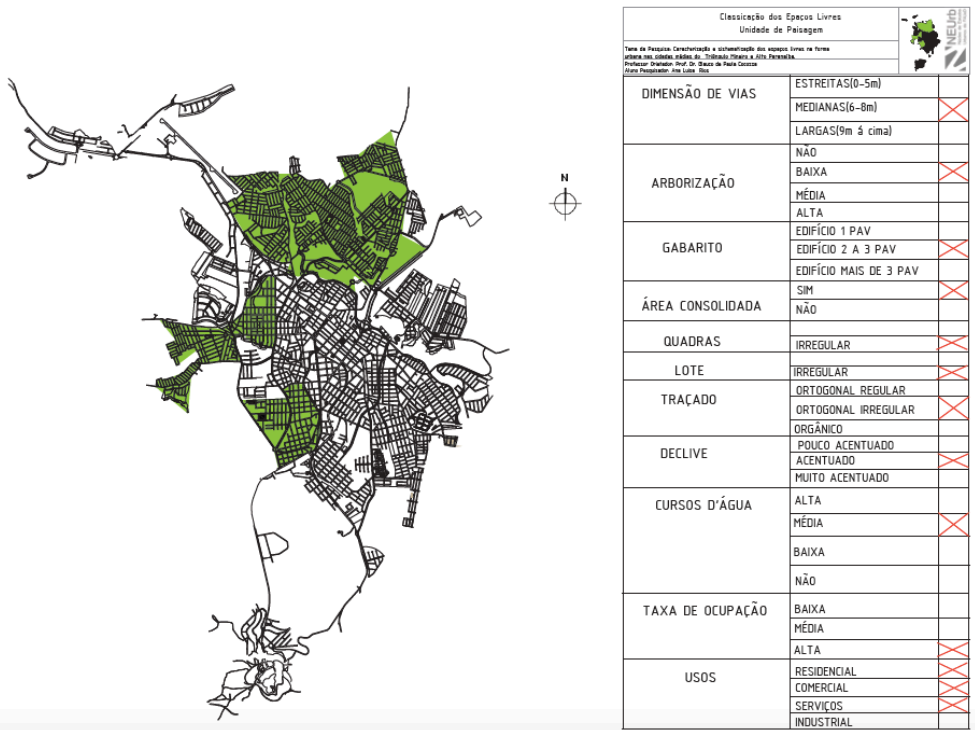


Figura 2 – Levantamento das unidades de paisagem através das categorias de análise. No caso, foi identificada uma paisagem que se repete em diferentes localidades da cidade de Ituiutaba (MG).

5

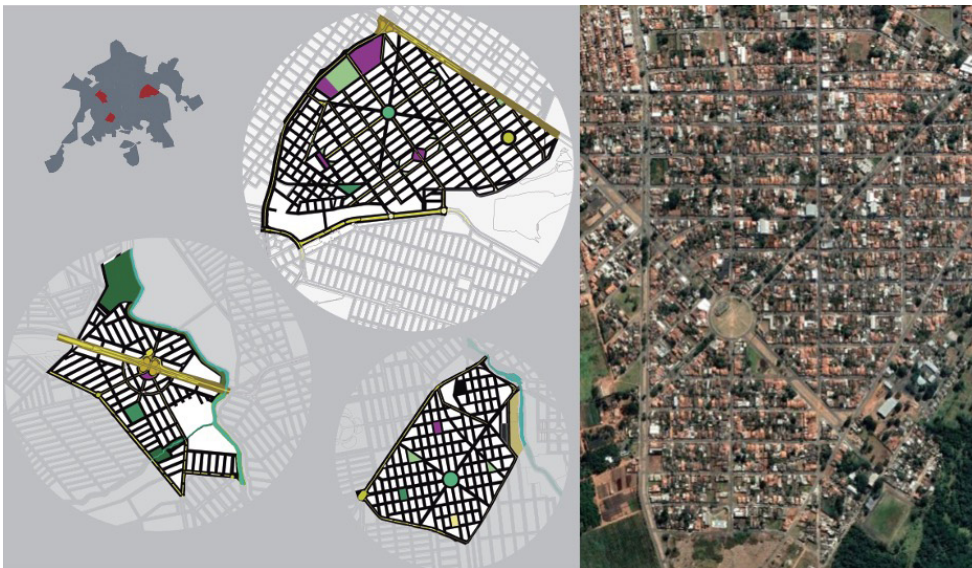


Figura 3 – Exemplo de paisagens semelhantes na mancha urbana de Uberlândia e Araguari (imagem de satélite). A semelhança se dá pelas características do traçado, das tipologias construtivas e relevo.
Fonte:

verdes centralizadas e que organizam o sistema viário, e definem uma estrutura morfológica de fácil reconhecimento. Ademais, representam uma época de organização espacial através de avenidas e rotatórias, encontradas em muitas cidades brasileiras. A força do desenho do loteamento define os condicionantes da paisagem, com ruas largas, maior presença de arborização urbana, lotes maiores, e áreas verdes como norteadores do seu desenho.

Esse exemplo evidencia a importância de olhar a cidade através dos processos de conformação e pelos distintos períodos históricos e morfológicos. As cidades da região apresentam muitas semelhanças em termos de paisagens centrais, pericentrais, periféricas e na presença de vazios urbanos (Figura 4). De modo geral, os centros são definidos pelas praças históricas, traçado mais irregular, alto grau de consolidação, mescla de gabaritos, de usos e de período das construções. As áreas pericentrais correspondem as antigas

áreas de expansão urbana, e apresentavam uma continuidade com os centros das cidades. Essas áreas apresentam praças estruturantes do traçado urbano, geralmente regulares, alto grau de consolidação, predominância de residências, algumas áreas de uso misto e construções mais recentes. Já as áreas periféricas apresentam combinação de diferentes traçados, com pouca continuidade espacial, grande reserva de áreas verdes junto aos rios e córregos, predominância de uso residencial e extensas vias de circulação.

As paisagens centrais remetem ao início da ocupação territorial, na qual o adro religioso era disposto em uma meia encosta e perpendicular à um rio secundário. As cidades de Uberlândia, Araguari, Uberaba, Ituiutaba e Araxá seguem esse modelo, somente Patos de Minas destoa, pois cresceu junto a uma lagoa. Todos os centros sofreram processos de ampliação, com novas tramas urbanas adicionadas ao núcleo urbano original. Destaca-se o projeto urbano de Araguari, com um projeto de ampliação do engenheiro

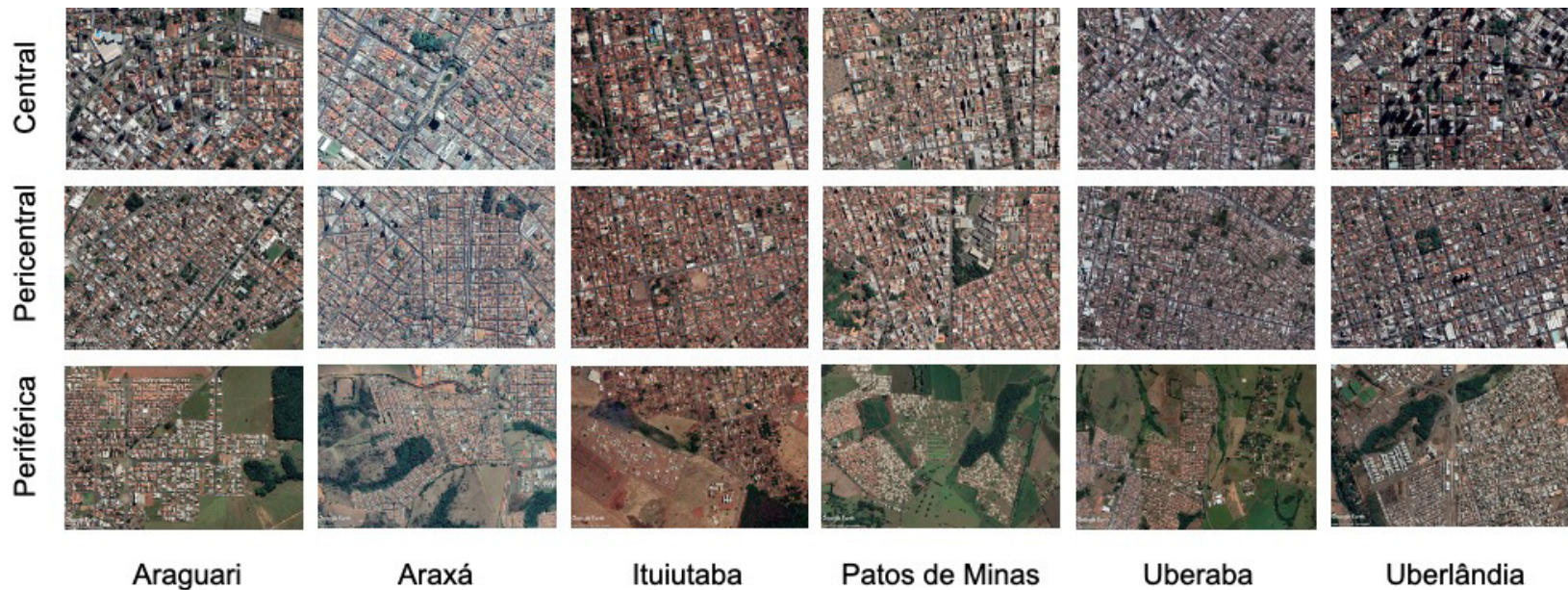


Figura 4 – Estrutura morfológica e da paisagem das regiões centrais, pericentrais e periféricas das cidades analisadas.

ferroviário Vidulich¹, com um traçado que absorve a malha histórica, cria um sistema de praças bem distribuídas, e propõe extensas avenidas perimetrais. Outro projeto que merece destaque é o projeto de ampliação de Patos de Minas, com a criação de uma grande praça-canteiro que se destaca na paisagem, alardeada por casarios históricos de uso residencial e institucional. A paisagem da avenida sofreu forte transformação nos últimos anos, com a substituição das residências por edifícios residenciais, moldando a sua paisagem (Figura 5).

As áreas pericentrais apresentam uma rica diversidade morfológica e paisagística, pois apresentam alto grau de transformação, de mescla de usos e principalmente representam as primeiras áreas de expansão urbana, com traçados que priorizavam aspectos qualitativos, seja através de bairros planejados, bairros ajardinados, e novas centralidades formadas a partir da sua

consolidação urbana. A região pericentral forma um anel que circunda a região central e, por isso, apresenta diferentes paisagens.

Como exemplo de uma área pericentral, destaca-se o bairro Roosevelt em Uberlândia, bairro planejado seguindo o modelo de cidade jardim, e que se configurava como região periférica até o início dos anos 1980 (Figura 6). O desenho do bairro privilegia as áreas verdes, através de um sistema viário concêntrico e com praças em pontos estratégicos, quadras irregulares se adaptando à topografia e mescla de usos, propondo uma organização espacial através do conceito de unidades de vizinhança. O projeto do arquiteto João Jorge Coury nos revela como o pensamento moderno chegou à região e moldou uma forma de ocupação. A, então, paisagem periférica se transformou e, hoje, o bairro passa por uma forte verticalização, com novos estabelecimentos comerciais, e, como em muitas áreas pericentrais, fazem a conexão com

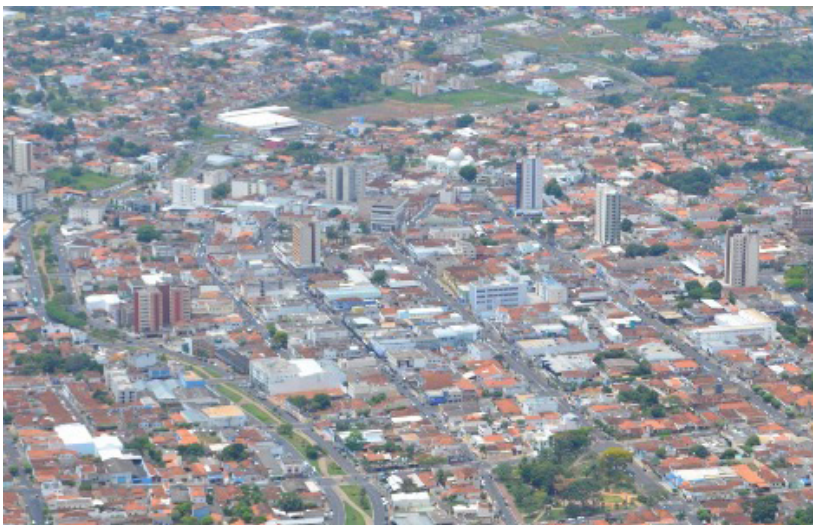


Figura 5 – Imagens aéreas do centro ampliado de Araguari e da Avenida Getúlio Vargas, em Patos de Minas. Paisagens centrais e espaços consolidados, com diferentes períodos construtivos.

Fonte: Lucas Martins e Patos de Minas Skyline, 2022.

¹ Projeto de expansão urbana em traçado planejado, projetada, em 1895, pelo engenheiro alemão Achilles Vidulich, engenheiro da Cia. Mogiana.



Figura 6. Imagens da paisagem pericentral do bairro Roosevelt em Uberlândia.
Fonte: Prado (2021).

as novas periferias, percebido pelo grande fluxo nas avenidas dos bairros. Outro marco da paisagem pericentral são as avenidas ajardinadas com canteiros centrais, o que nos remete ao início do modelo rodoviário como principal processo de produção desses espaços (Figura 7).

As paisagens periféricas são as mais diversificadas, mesmo sendo muito homogêneas. As novas periferias são espaços que revelam toda as contradições e evidenciam nossos abismos sociais e urbanos. São diversificadas pois apresentam bairros para diferentes classes, desde loteamentos fechados, bairros de classe média e bairros para baixa renda, assim como inúmeros bairros do programa Minha Casa Minha Vida, e recentes assentamentos irregulares. São homogêneos, pois não se misturam, e criam paisagens padronizadas de acordo com a classe social a que se destina, definindo sua visualidade. A periferia é resultado da recente transformação do ambiente rural em ambiente urbano, e carrega fortemente essa memória territorial, com muitas áreas de preservação permanente, menor densidade, e ares de tranquilidade. A paisagem periférica nas cidades médias é fragmentada, difusa e muitas vezes descontínua (vazios urbanos), e apresentam qualidades



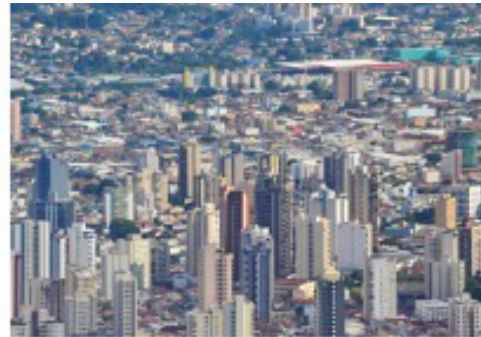
Figura 7 – Canteiro central em área de expansão urbana, em Araxá (MG).

distintas das regiões centrais e pericentrais (DEMATTEIS, 1998). As unidades demonstram a diversidade morfológica das cidades, e os processos de configuração se dão por aspectos culturais que consolidam padrões de crescimento e transformação do espaço urbano (Figura 8).

A Figura 9 é o comparativo de todas as unidades de paisagem identificadas nas cidades médias analisadas. Há uma grande diversidade, e muitas se repetem devido a gênese de formação, aos períodos morfológicos similares, aos processos de expansão, e aos novos modelos de urbanização contemporâneos. As particularidades se dão em função de algo específico, como a paisagem do hotel do Barreiro em Araxá, um grande complexo que está no imaginário de todos que visitam a cidade, ou a paisagem das lagoas em Patos de Minas, elementos naturais que organizam o sistema de espaços livres local (AMORIM, 2015). Entende-se que os resultados da pesquisa são frutos de um método de leitura, e que esse pode ser diferente de acordo com os filtros utilizados por cada observador. O porte da cidade, as estruturas produtivas e as características territoriais influenciam na quantidade e diversidade de paisagens de cada contexto urbano.



UP: Centro histórico



UP: Uso misto com predominância vertical em malha ortogonal



UP: Uso misto vertical e horizontal em malha ortogonal



UP: Misto de traçados com predominância horizontal



UP: Paisagens homogêneas para população de baixa renda



UP: paisagem suburbana com grande lotes e generosas áreas verdes



UP: Áreas industriais



UP: Paisagem de loteamentos fechados



UP: Pequenas propriedades rurais

Figura 8. Síntese das unidades de paisagem em Uberlândia (MG). A rica diversidade de paisagens contrasta com os problemas urbanos aos quais estão vinculadas.



Araguari



Ituiutaba



Uberaba



Araxá



Patos de Minas



Uberlândia

Figura 9. Unidades de Paisagem nas cidades médias. Os diferentes tons de cinza apresentam as distintas paisagens identificadas na área urbana de cada cidade.

Compreender as unidades de paisagens é um método de investigar aspectos particulares da estrutura das nossas cidades, separadas e definidas por elementos construídos e não construídos, e assim, verificar como o processo de urbanização moldou a sua paisagem. Essa compreensão prioriza a busca por urbanidades dentro dos sistemas de espaços livres urbanos, condizente com premissas do desenvolvimento sustentável, e projetando a paisagem local.

4. MAPEANDO ESPAÇOS LIVRES

A identificação das unidades permitiu, além de verificar os atributos morfológicos dos espaços urbanos, distinguir as características dos espaços livres e quais subsistemas costuram cada sistema. Os espaços livres foram catalogados seguindo três categorias de análise: estrutural, espacial e de uso, sistematizando, assim, a sua tipologia principal, o subtipo de cada espaço e

as características principais relacionadas aos usos e apropriação. A tipologia segue as orientações definidas pelo grupo QUAPÁ-SEL, na qual se distinguem espaços de acordo com sua predominância estrutural e de inserção dentro do sistema urbano. Os principais tipos encontrados são de caráter ambiental, de práticas sociais, de circulação e de espaços livres associados à infraestrutura urbana. Todas as unidades de paisagem foram analisadas seguindo esse critério, como descrito na Figura 10.

Os subtipos foram identificados de acordo com a sua característica espacial, compreendendo que há uma rica diversidade de espacialidades dentro de cada tipologia. As unidades de paisagem formam pequenos sistemas que se conformam através dos padrões evolutivos e morfológicos e, no caso dos espaços livres, dos processos produtivos, da legislação que regulamenta a preservação de áreas às margens dos cursos d'água, da mudança de paradigmas projetuais e, principalmente, da disponibilidade de áreas para expansão urbana.

TIPOS DE ESPAÇOS LIVRES		SUBTIPOS	CARACTERÍSTICAS	IMAGENS
Classificação dos Espaços Livres Unidade de Paisagem 01 - Central verticalizada				
Tema da pesquisa: Caracterização e sistematização dos espaços livres na forma urbana das cidades médias do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Professor Orientador: Prof. Dr. Glauco de Paula Cocozza Aluno Pesquisador: Fanny Fouquet				
DE CARÁTER AMBIENTAL		APP CORPOS D'ÁGUA ENCOSTAS MATAS DO CERRADO PARQUES		
DE PRÁTICAS SOCIAIS		MIRANTES PÁTIOS JARDIM ESCADARIA PRAÇAS	<input checked="" type="checkbox"/> CONTEMPLATIVAS <input type="checkbox"/> RECREATIVAS <input type="checkbox"/> ESPORTIVAS <input type="checkbox"/> MISTAS <input checked="" type="checkbox"/> CÍVICA	 Praça Cônego Ângelo abriga Câmara Municipal Foto: Fanny Fouquet, 2013.




DE PRÁTICAS SOCIAIS	PARQUES NUCLEARES INTRAURBANOS E HÍDRICOS	CONTEMPLATIVOS			
		RECREATIVOS			
		MISTOS			
		CONSERVAÇÃO E MEMÓRIA			
	PARQUES NUCLEARES LINEARES	PARQUE DE VIZINHANÇA			
		PARQUE DE BAIRRO			
		PARQUE DE CIDADE			
		PARQUE DE ESTADO			
	CALÇADÃO	✗			
	QUADRAS ESPORTIVAS ABERTAS				
CAMPO DE FUTEBOL					
PISCINAS PÚBLICAS					
ESPAÇOS LIVRES DE CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES	CALÇADAS	✗ ARBORIZADAS parcialmente	<p>Relação do gabarito das edificações com caixa da rua Foto: Google Street View, 2012.</p>		
		NÃO ARBORIZADAS			
	RUAS	ARBORIZADAS			
		NÃO ARBORIZADAS			
	AVENIDAS	✗ ARBORIZADAS parcialmente			
		NÃO ARBORIZADAS			
	ALAMEDAS				
	ESCADARIAS				
ESTACIONAMENTOS					
CAMINHO DE PEDESTRE					
ESPAÇOS LIVRES ASSOCIADOS A CIRCULAÇÃO DE AUTOMÓVEIS	CANTEIROS CENTRAIS	✗ ARBORIZADOS parcialmente	<p>Avenida Dezesete com palmeiras no canteiro central Foto: Fanny Fouquet, 2013.</p>		
	CANTEIROS LATERAIS				
	ROTATÓRIAS				
	VIADUTOS				
	TALUDES				
	TREVOS				
	TERRENOS REMANESCENTES DO SISTEMA VIÁRIO				
ESPAÇOS LIVRES ASSOCIADOS A INFRA-ESTRUTURA URBANA	MARGENS DE RESERVATÓRIOS				
	ESTAÇÕES DE TRATAMENTO ÁGUA/ESGOTO				
	AEROPORTO				
PORCENTAGEM TOTAL DE ESPAÇOS LIVRES	66,41% (290620,3 m²)				

Figura 10. Modelo de análise dos espaços livres em cada unidade de paisagem identificada.

As unidades de paisagens centrais apresentam a predominância de praças de cunho social, espaços herdados de uma cidade com poucas ruas e quadras, mas proporcionalmente com muitos espaços livres com funções específicas, como o adro religioso e espaços de trocas de mercadorias. Todos esses espaços sofreram grandes transformações estruturais e na sua paisagem e resguardam, de alguma forma, as impressões de uma época, adaptadas à contemporaneidade (Figura 11).

As áreas pericentrais representam as primeiras áreas de expansão das áreas centrais, e os padrões morfológicos ainda mantêm as praças como elementos estruturantes, juntamente com ruas arborizadas, avenidas largas e canteiros centrais ajardinados. Há uma mudança substancial na predominância de categorias desses espaços, prevalecendo os de práticas sociais e de caráter recreativo e esportivo. Alguns parques estruturam algumas unidades de paisagem pericentrais, com diferentes categorias espaciais e de uso, como o Bosque John Kenedy, de caráter de conservação, em Araguari, o Parque

do Cristo, de caráter contemplativo, em Araxá, e o Parque do Mocambo, de caráter recreativo, em Patos de Minas (Figura 12). O Parque do Sabiá, em Uberlândia, está no limite entre a região pericentral e periférica e pode ser considerado como um parque de recreação. Se por um lado a existência desses parques enriquece os aspectos sociais, ambientais e paisagísticos da cidade, a má distribuição denota a falta de um pensamento sistêmico para os parques urbanos.

Na região periférica, há uma importante alteração na predominância das categorias de espaços livres. Novos loteamentos estruturam uma paisagem fragmentada, imprimindo manchas parciais que se conectam aos poucos com o restante da cidade e enfraquecem o sistema intraurbano. Esses foram projetados seguindo uma legislação mais rigorosa em relação aos espaços livres, porém, coniventes em relação a sua implantação pelos empreendedores.



Figura 11. Fotos de praça central de Araxá (MG).



Figura 12. Parques em unidades de paisagem pericentral. Parque do Mocambo, em Patos de Minas, em duas épocas distintas, na sua implantação nos anos 1980 e atualmente. Fonte: Amorim (2015).

Uma característica comum é a forte presença de espaços de caráter ambiental nas unidades de paisagem periféricas. Essas áreas se constituem junto aos recursos hídricos, com vegetação nativa nas suas bordas. Muitos loteamentos as utilizam para a construção de parques lineares, compondo o percentual de áreas verdes obrigatório pela legislação urbana. Na Figura 13, pode-se perceber as características projetuais e paisagísticas de um recente parque linear na cidade de Uberlândia, o parque do Córrego do Óleo. Atenta-se para o aspecto positivo de se implantar um parque linear periférico, destinado para uma população carente de espaços públicos de lazer, porém, destaca-se a má qualidade projetual e de gestão desses espaços, o que pode sinalizar a falta de uma política estrutural para os espaços livres públicos.

Todas as diferentes categorias foram elencadas e sistematizadas em cada cidade analisada, costurando graficamente um sistema diverso, estruturante e característico de uma cidade média brasileira. A Figura 14 apresenta a síntese de todos os sistemas de espaços livres com as diferentes categorias identificadas. Praças, avenidas, parques, calçadões, canteiros, mirantes, clubes, áreas de preservação e outros estruturam a vida cotidiana e a paisagem

dessas cidades, moldando as áreas consolidadas e os novos territórios de expansão urbana, redesenhando-se conforme as cidades avançam para as regiões periféricas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo contribui com os estudos e reflexões sobre a forma urbana e espaços livres para, assim, tecer um conjunto teórico e reflexivo sobre a condição sistêmica dos espaços livres na paisagem de cidades médias brasileiras. As experiências metodológicas aplicadas para a compreensão do papel do espaço livre na configuração urbana de cidades médias permitem importantes reflexões sobre os processos de configuração da paisagem urbana brasileira. Percebe-se que as escalas de abordagem permitem diferentes leituras do espaço urbano e focam, muitas vezes, em questões diferenciadas, porém complementares. As distintas visões sobre o espaço urbano possibilitam construir um repertório amplo sobre essa relação, observando aspectos físicos, materiais, relacionais, de apropriação, de visibilidade de práticas sociais e da paisagem local.



Figura 13. Parque do Córrego do óleo na cidade de Uberlândia (MG).
Fonte: Godoy (2020).

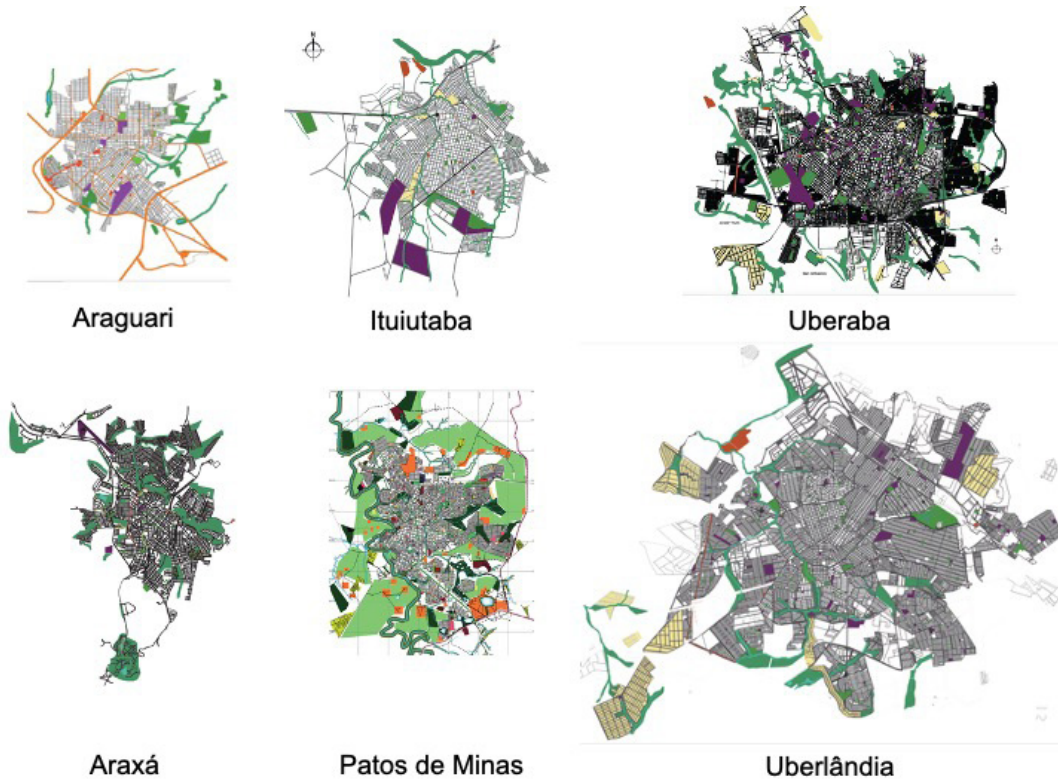


Figura 14. Sistemas de espaços livres nas seis cidades analisadas.

A paisagem é um processo ininterrupto de transformação, e esta pesquisa revela que essas paisagens são inscritas umas sobre as outras. A paisagem das cidades médias brasileiras é um rico e diversificado mosaico, retrato de nossa história urbana e das nossas estruturas sociais, políticas e econômicas. Nas cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, estão representados inúmeros processos comuns a outras cidades médias brasileiras que estão impressos nas categorias de espaços livres identificados em cada unidade de paisagem. A leitura das unidades de paisagem se mostra uma ferramenta de interpretação e percepção de um momento do espaço urbano e da diversidade dessas paisagens. Compreende-se, nesta pesquisa, que esses espaços passarão por novas transformações, inerentes à urbanização, que alterarão as paisagens já estudadas, substituindo, consolidando e adicionando novas estruturas.

A pesquisa revela que, à medida que nos deslocamos para as regiões periféricas, os elementos morfológicos sofrem uma forte alteração, impactando no arranjo espacial e na paisagem dessas distintas localidades. É dever dos gestores compreender que a cidade se faz pelas diferenças, pela qualidade dos espaços e pelo entendimento das suas características morfológicas e espaciais, e é preciso que a paisagem seja um dos principais objetivos das políticas públicas de governos e entidades privadas, buscando diminuir as rupturas socioespaciais colocadas pelos processos de urbanização. É preciso ter um olhar sistêmico para as estruturas que definem o urbano. Os sistemas de espaços livres dessas cidades médias do interior do Brasil apresentam estruturas similares, alto grau de diversidade, pouco grau de conexão e relação entre os espaços e nenhum planejamento sistêmico. Mesmo assim, são estruturas visíveis e extremamente importantes para tecer os diferentes aspectos da vida cotidiana, configurar suas paisagens e adaptar as transformações da sociedade. Mais do que identificar, este artigo busca suscitar reflexões sobre o papel da paisagem no planejamento das nossas cidades e refletir sobre o papel dos espaços livres na construção de cidades com maior qualidade urbana e ambiental.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Nayara Cristina Rosa. **O sistema de espaços livres na forma urbana de Patos de Minas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

CAPEL, Horacio. **La morfología de las ciudades**. Madrid: Ediciones del Serbal, 2002.

COCOZZA, Glauco de Paula. A unidade de paisagem como ferramenta de análise da forma urbana: uma experiência metodológica para identificação do sistema de espaços livres urbanos. *In: COLÓQUIO DE PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN BRASIL-PORTUGAL*, 2., 2014, Uberlândia, Lisboa. **Anais [...]**. Uberlândia: UFU; Lisboa: UL, 2014.

COCOZZA, Glauco de Paula et al. Forma urbana e espaços livres nas cidades médias do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. *In: COLÓQUIO QUAPÁ-SEL*, 8., 2013, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2013. DEMATTEIS, Giuseppe. Suburbanización y periurbanización: ciudades anglosajonas y ciudades latinas. *In: MONCLÚS, Francisco J. (ed.). La ciudad dispersa*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998.

GODOY, Larissa Riza Carvalho. **Análise da qualidade do projeto e a percepção dos usuários do parque linear do Córrego do Óleo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) —Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

GUERRA, Maria Eliza Alves. **As praças modernas de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro**. 1998. 220 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

IBGE. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://www.ibge.com.br/>, acessado em 04/06/2020

KROPF, Karl. Aspects of Urban Form. **Urban Morphology**, Local de publicação, v. 13, n. 2, p. 105-120, 2009.

LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira. **Destruição ou desconstrução: questões da paisagem e tendências de regionalização**. 1992. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira. **Mas, se o lugar nos engana, é por conta do mundo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MACEDO, Silvío Soares. Espaços Livres. *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 15-56, 1995. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i7p15-56.

MAGNOLI, Miranda Martineli. Espaço livre: objeto de trabalho. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 21 p.175-197, 2006. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i21p175-197.

OLIVERA, Vitor. **Urban Morphology: An Introduction to the Study of the Physical Form of Cities**. [s. l.]: Springer, 2016.

PRADO, Patricia Jeorgina Marques de Faria. **Bairro Roosevelt, Uberlândia: entre suas curvas e retas, o ideário moderno de J. J. Coury e as transformações ao longo do tempo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Jonathas Magalhães. Unidades de paisagem e o estudo da forma urbana: reflexões sobre suas contribuições para o campo disciplinar da arquitetura e urbanismo. *In: COLÓQUIO QUAPÁ-SEL*, 7., 2012, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2012.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Para pensar as pequenas e as médias cidades brasileiras**. Belém: FASE; UFPA, 2009. v. 1. 57 p.

AGRADECIMENTO

À FAPEMIG pelo auxílio financeiro para esta pesquisa.

Glauco de Paula Coccozza

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)Av. João Naves de Ávila, 2121 - Santa Mônica, Uberlândia - MG, 38408-100, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5275-1357>glauco.coccozza@ufu.br

Maria Eliza Alves Guerra

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)Av. João Naves de Ávila, 2121 - Santa Mônica, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8573-1918>meliza.guerra@ufu.br

Nota do editor:

Recebido em: 09/03/2022

Aprovado em: 02/05/2023

